


LAZER E TURISMO NAS DINÂMICAS DOS TERRITÓRIOS CRIATIVOS: A EDUCAÇÃO COMO PERSPECTIVA DE TRANSFORMAÇÃO TERRITORIAL¹

Recebido em: 10/01/2021

Aprovado em: 27/05/2021

Licença: 

*Maria Dilma Simões Brasileiro*²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa – PB – Brasil

RESUMO: As novas tecnologias e a automação geram transformações no mundo do trabalho, passando do trabalho material para o trabalho imaterial. Neste contexto, espaços e tempos de trabalho e lazer perdem as fronteiras, gerando uma hibridação, em que os Territórios Criativos assumem protagonismo. Os Territórios Criativos são espaços de inovações, em que há um compartilhamento nas formas de pensar, sentir e agir das pessoas, instituições e empresas. Neste contexto, o lazer nos Territórios Criativos, nas suas manifestações de turismo, esporte e artes, contribui na dinamicidade do território, promovendo espaços e tempos de desenvolvimento humano, social e econômico. O turismo assume, portanto, uma possibilidade de educação experiencial, que ultrapassa a perspectiva de turismo do ver, pelo turismo do viver, e da educação do aprender, para a educação do compartilhar. Compartilhar experiências, culturas e conhecimentos nos tempos de viagens fortalecem a criatividade, as relações socioculturais e novas formas do fazer educação.

PALAVRAS-CHAVE: Territórios Criativos. Atividades de Lazer. Turismo.

LEISURE AND TOURISM IN DYNAMICS OF CREATIVE TERRITORIES: EDUCATION AS A PERSPECTIVE OF TERRITORIAL TRANSFORMATION

ABSTRACT: New technologies and automation make transformation in the working world, going from material labor to immaterial labor. In this context, workplace, work time and leisure lose its boundaries, making a hybridization, in which creative territories make an important role. Creative Territories are innovative spaces, in which there is a shared way of thinking, feeling, acting by people, institutions and companies. In this context, creative territories in leisure, in its manifestation of tourism, sport and arts, contributes to territory dynamic, providing time and space to human development socially and economically. Therefore, tourism make a possibility to experiential education, which surpasses the expectation from tourism of seeing to tourism of living,

¹ Uma primeira versão deste ensaio foi apresentada no III SILAQ (Simposium Internazionale di Tempo Libero e Qualità della Vita), na cidade de Rimini/Itália em nov/2019.

² Doutorado (UGR/Espanha) e Pós-doutorado (UNIBO/Itália) em Sociologia. Professora Titular e Pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

as well as, from education of learning to education of sharing. Sharing experiences, cultures and knowledge in times where travel strengthens creativity, sociocultural relationships and new ways of making education.

KEYWORDS: Creative Territories. Leisure Activities. Tourism.

Introdução

Os modelos contemporâneos de desenvolvimento territorial se expressam por meio de processos subjetivos e criativos, que estão para além das estratégias meramente econômicas. São iniciativas públicas, da sociedade civil organizada, do terceiro setor e/ou de empresas e organizações privadas, que buscam novas bases para o trabalho, manifestando-se em dinâmicas e práticas do bem viver e do bem comum no território. São movimentos em torno das subjetividades e do criativo, que adentram no cotidiano do território, em busca de outras perspectivas para promover o desenvolvimento.

Nas estruturas das sociedades contemporâneas, em que progressivamente o trabalho imaterial assume as bases dos processos econômicos, passando de uma economia material para uma economia imaterial, as sociedades que priorizam as subjetividades promovem um diferencial no desenvolvimento do território. Neste sentido, tratar de Territórios Criativos não se limita apenas aos setores artísticos, culturais e de novas tecnologias, mas toda e qualquer dinâmica territorial que envolve as subjetividades, tais como a criatividade, o conhecimento, o compartilhamento e a comunicação.

A partir das subjetividades, o bem viver e o bem comum assumem um novo protagonismo. Isto porque esses conceitos superam o binômio do eu/outros e migram para uma perspectiva do bem viver sistêmico, do “nós” no território. Assim sendo, Territórios Criativos são aqueles que, além de buscar novas perspectivas econômicas lastreadas nas artes e em novas tecnologias, também criam estratégias para o bem viver individual e coletivo no território. Apresenta-se, portanto, outros olhares sobre os

territórios, que se constrói a partir das pessoas, do bem viver, do bem comum, da educação e da sustentabilidade socioambiental.

A educação, neste contexto, cobra outras estratégias, de modo que os processos educativos extrapolam os espaços escolares e acadêmicos e penetram no cotidiano da vida territorial. A educação, como disseminadora de uma cultura, tem um papel preponderante nesse processo. É por meio da educação, da pluralidade das pessoas e dos territórios, na diversidade dos pensares, saberes e fazeres, que se constroem novos mundos com bases coletivas, que suplantam as individualidades. No processo educativo, as pessoas são retroalimentadas, originando um espiral entre pessoas e coletivos, na busca de soluções para o bem viver e o bem comum no território.

O lúdico, em sua vertente moderna denominada de lazer, tem um lugar de destaque. O lazer, tendo como eixo a educação, a sustentabilidade socioambiental e a justiça social, favorece o (des) envolvimento do território, com experiências que contribuem para o desenvolvimento humano e social. O turismo, como uma das manifestações modernas do lazer, encontra um espaço fértil para a promoção de Territórios Criativos. Neste cenário, o objetivo deste ensaio é analisar o lúdico, por meio do lazer e da prática turística, como propulsor de Territórios Criativos, na promoção do (des) envolvimento humano e socioambiental. Parte-se do pressuposto de que a promoção de ambientes criativos de lazer estimulam às subjetividades individuais e coletivas nos territórios, que podem promover o bem viver e o bem comum.

Do Trabalho Material ao Trabalho Imaterial

Antes de adentrar no conceito de Território Criativo, é imprescindível analisar as transformações no mundo do trabalho. O que atualmente se denomina de Território Criativo é consequência de um processo de transformações históricas e socioculturais

nos modelos de trabalho, que, no caso da modernidade, tem o trabalho material como referência. Os séculos XIX e XX foram construídos a partir da produção de bens materiais nas indústrias, fato que influenciou, sobremaneira, não somente o trabalho, mas a estrutura e organização dessas sociedades. Nessa perspectiva, a organização do trabalho moderno, material e industrializado, foi se construindo, dentre outras características, em função da hierarquização das funções profissionais dentro das empresas e instituições.

No modelo de trabalho moderno, os dirigentes e planejadores estão no ápice da pirâmide organizacional, realizando o trabalho intelectual, subjetivo, ao passo que a grande maioria dos trabalhadores estão na base da pirâmide, realizando o trabalho manual, ou seja, executando aquilo que foi planejado pelos dirigentes e planejadores. Assim sendo, no modelo moderno de trabalho material, as subjetividades inerentes às pessoas estão destinadas aos dirigentes. Aos trabalhadores, resta-lhes a execução das tarefas planejadas pelos superiores. Isto não quer dizer que não exista subjetividade nos trabalhadores de trabalho material, entretanto, a produção neste modelo de trabalho não prioriza nem estimula suas subjetividades, valorizando apenas o saber-fazer, a mão-de-obra (LANCMAN; UCHIDA, 2003).

O esgotamento do mundo do trabalho material conduz ao desmoronamento da sociedade industrial. Neste processo de desindustrialização das economias materiais, o trabalho imaterial se faz cada vez mais presente. A criatividade, o conhecimento, a comunicação, as tecnologias e a inovação assumem papéis preponderantes neste novo modelo, em detrimento do trabalho material, industrial e moderno, cristalizado no modelo produtivo fordista (GORZ, 2003; DE MASI, 2003; LAZZARATO; NEGRI, 2001). Neste sentido, há uma desaceleração do modelo fordista de produção e um aumento significativo dos serviços, principalmente os associados à criatividade e às

subjetividades, dentro de uma nova dinâmica da produção capitalista (HARVEY, 2012). Quanto aos modelos organizacionais, o modo de produção, distribuição e consumo dos bens produzidos na economia material já não são compatíveis com o trabalho imaterial (BRASILEIRO, 2015).

A subjetividade se torna, ela mesma, produtiva (CAMARGO, 2011), pois, nos tempos contemporâneos, o próprio mercado se apropria das subjetividades dos trabalhadores. Como afirma Camargo (2011, p. 41), o trabalho imaterial “[...] se refere diretamente ao entendimento de que na sociedade contemporânea houve uma modificação no papel da subjetividade dentro da produção capitalista”. Gorz (2003) ressalta que, o predomínio crescente do trabalho imaterial contribui para a valorização das subjetividades dos trabalhadores, agora denominados de “colaboradores”. Entretanto,

[...] os dirigentes desta nova perspectiva de trabalho estão mais preocupados com os processos e os mecanismos psíquicos que explicam um determinado comportamento e sua mudança, do que com os sujeitos da ação (LANCMAN; UCHIDA, 2003, p. 81).

O que significa dizer que a valorização das subjetividades dos trabalhadores não é, por consequência, uma melhoria nas condições e nas relações de trabalho.

Como já foi tratado em outro lugar (BRASILEIRO, 2015), as transformações do trabalho material em imaterial têm estimulado o capitalismo flexível, gerando maiores excedentes de capital e a deterioração da qualidade de vida da maior parte da população mundial. Segundo Schwab (2016), os grandes beneficiários das transformações no mundo do trabalho são os provedores de capital intelectual ou físico, que geram um fosso crescente entre a riqueza destes que possuem o capital financeiro, daqueles que deles dependem. Para este autor, é necessário evitar a concentração de poder e valor nas mãos de poucos, equilibrando os benefícios e riscos dos investimentos. A desigualdade

social gerada pelo trabalho imaterial é, portanto, um desafio sistêmico que necessita intervenção.

Associadas às subjetividades do trabalho imaterial estão a informalização, a precarização e a flexibilização laboral, estimuladas pelos detentores do capital financeiro. Nesta linha, Slee (2017) desmitifica a Economia do Compartilhamento e alerta para a precarização do trabalho nos serviços prestados por empresas como *Uber* e *Airbnb*. Alerta, também, para o surgimento, com outras características, do desemprego estrutural. Segundo Slee (2017), na realidade, a cooperação social divulgada por essas plataformas de trabalho tem gerado uma grande concentração de renda e implantado a desregulamentação generalizada do trabalho, criando uma falsa autonomia por parte dos trabalhadores. Para este autor, o que era visto como a vanguarda de modelos de sociedades, em base ao comunitário e ao compartilhamento, transformou-se em um oásis para os grandes investidores de capital de risco, trazendo o livre mercado para o interior de nossas vidas.

A amplitude e a profundidade das transformações nas estruturas sociais e nos sistemas econômicos estão modificando não apenas as coisas e como utilizá-las, mas também quem somos (SCHWAB, 2016). Ao analisar como a tecnologia e a sociedade coexistem no mundo contemporâneo, por meio da abrangência e velocidade tecnológica e o seu impacto multifacetado, Schwab (2016, p.12) afirma que, “na perspectiva da história humana, nunca houve um momento tão potencialmente promissor ou perigoso”. Na perspectiva de Florida (2011), esta economia em ascensão é um sistema dinâmico e turbulento, sendo algumas vezes empolgante e libertador; outras vezes apresenta-se como desagregador e exaustivo. Neste sentido, os ciclos históricos mostram que as transformações econômicas e socioculturais dos modelos de trabalho são construções dinâmicas e, como tais, podem seguir diferentes perspectivas. Isto pode indicar que

estas transformações contemporâneas também podem tomar direções opostas às perspectivas dominantes.

Como analisa Florida (2011), as transformações sociais duradouras não ocorrem em períodos de *boom* econômico, mas em momentos de crise e questionamentos, como é o tempo presente. Neste sentido, os fluxos dinâmicos e contínuos das sociedades, presentes na intensidade dos fluxos de bens, informação, capital e pessoas, é possível vislumbrar outras dinâmicas territoriais. As subjetividades, agora valorizadas no mundo do trabalho imaterial, também podem ser formas de trabalho e de produção com significado para as pessoas, não somente resumidos aos salários no final do mês. Podem ser estímulos para a construção de identidades, de bens humanos, como são o compartilhamento, a sensibilidade, a criatividade, o cuidar de si e do outro. É nesta perspectiva que se constroem os Territórios Criativos.

Territórios Criativos: Uma Aproximação Conceitual

Tratar de Territórios Criativos, dois conceitos básicos estão associados: território e criatividade. O território se associa a elementos tangíveis e intangíveis (HARVEY, 2012). Os elementos tangíveis estão fixos e estão associados às estruturas e aos elementos materiais que constroem o território; os elementos intangíveis são os fluxos, as práticas socioculturais, históricas, políticas e econômicas. As interações decorrentes dos fixos e dos fluxos – por meio das relações entre as pessoas, com a natureza e com os vários outros elementos que compõem o território, bem como com os movimentos externos – constroem a dinamicidade territorial.

O território é, portanto, o *locus* de criação de identidades individuais e coletivas, no qual se concretizam as relações simbólicas e materiais de um grupo social. Neste sentido, cada território é único (BRASILEIRO, 2015). Para Saquet (2010), não se

separa a (i) materialidade da vida das (des) continuidades do território, a qual se manifesta por meio das relações entre economia-política-cultura-natureza (E-P-C-N). Ainda para este autor, essas relações geram o (des) envolvimento territorial de forma horizontal, dentro do próprio territorial, e de forma vertical, por meio das relações globais. As dinâmicas territoriais, tanto horizontais como verticais, têm promovido o trabalho imaterial e estimulado o florescimento das práticas subjetivas e criativas. Para Florida (2011), o trabalho duro e a eficiência moveram a ascensão do capitalismo; na contemporaneidade, as diversas manifestações da criatividade sustentam o novo *ethos* criativo, que anima este novo modelo de trabalho.

A criatividade está relacionada à subjetividade e é uma associação entre realidade e imaginação. Está presente nos momentos de inquietações, de interrogações, que podem conduzir às inovações. No contexto do trabalho imaterial, a criatividade pode se associar as inovações de produtos e serviços, bem como às inovações nos processos organizacionais. Para tanto, a diversidade, a tolerância e a participação coletiva são essenciais para o desenvolvimento territorial fundado na criatividade. Neste contexto, as pessoas – que são as principais fontes de criatividade – representam o principal recurso das sociedades contemporâneas (FLORIDA, 2011).

A cultura territorial e as linguagens criativas nela geradas são, portanto, elementos de atração para o desenvolvimento de Territórios Criativos. Neste sentido, os estímulos para ambientes criativos são processos endógenos, ou seja, são processos gerados dentro do próprio território. Modelos padronizados, exógenos ao território, não favorecem o desenvolvimento territorial duradouro e de base coletiva pensada para o bem viver e o bem comum. As boas práticas de processos criativos territoriais são referências, mas não modelos acabados, que deverão ser transportados e plantados em outros territórios.

O ato criativo é, assim mesmo, um olhar diferente, que provoca transgressões ao estabelecido no mundo e na realidade. Assim sendo, não se entende o ato criativo apenas como um estímulo para a produção e a acumulação de capital, mas como um potencializador do humano. Os processos criativos geram, portanto, novas imagens da realidade, novas ações que se difundem em um território. Há, nesse contexto, uma associação entre razão e emoção nos processos criativos, que se operacionalizam nas dinâmicas territoriais. A razão e a emoção são preponderantes para o estímulo da criatividade, do conhecimento e das inovações. Esses elementos, de base única e subjetiva, compõem aspectos importantes para o desenvolvimento territorial, na busca de soluções originais para novos e velhos problemas que se relacionam com o bem viver e o bem comum no território.

Neste sentido, o conceito de Território Criativo extrapola a perspectiva de Economia Criativa, ou seja, extrapola o entendimento do estímulo à criatividade para o aumento da produtividade e do crescimento econômico; extrapola o entendimento da criatividade associada a produtos, serviços e modelos organizacionais dos setores artísticos, científicos e inovações tecnológicas. Em resumo, os processos associados à criatividade existentes nos Territórios Criativos extrapolam o sentido de Economia Criativa.

As configurações dos setores econômicos que estão associados à Economia Criativa variam de acordo com as potencialidades dos territórios e com as classificações criadas pelos diversos estudiosos do tema. Entretanto, de maneira geral, os setores que estão mais presentes no que se denomina Economia Criativa são os de proteção aos direitos autorais, aos produtos e serviços de audiovisuais, artes, arquitetura, ciência e tecnologia. São setores que têm, como eixos norteadores, as artes, as novas tecnologias e o conhecimento, abordando prioritariamente a faceta financeira dessas atividades.

Nos países desenvolvidos, a criação, a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços criativos estão relacionados à criação de riquezas, de caráter competitivo de bens intangíveis no cenário mundial; nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, relaciona-se mais aos discursos de geração de emprego e renda, embora existam alguns nichos desses setores, no caso brasileiro, que participam dos processos competitivos de bens intangíveis em nível mundial.

Nas propostas e ações da Economia Criativa, pouca prioridade existe para as questões sociais, como a inclusão de territórios ou grupos socialmente marginalizados. A ênfase da Economia Criativa recai, de maneira geral, nos territórios e setores que já possuíam, desde a economia material, fordista, as condições favoráveis para a produção, distribuição e consumo dos bens produzidos no território. Isto quer dizer que há uma predominância na Economia Criativa, para produtos e serviços de conteúdos criativos e inovadores, que agregam valor aos interesses do mercado, ou seja, uma economia voltada para a criatividade humana como um ativo econômico. A economia e o mercado como prioridades dentro da Economia Criativa trazem, como consequência, a discriminação de territórios e setores com baixo valor agregado, embora tenham potencialidades para inclusão e melhoria das condições de vida das pessoas.

Seguindo esta lógica, os setores correspondentes à Economia Criativa não são capazes de absorver todos os setores que constroem as dinâmicas territoriais, como também não integram as demandas territoriais relacionadas ao bem viver e ao bem comum. A perspectiva de desenvolvimento fundada no bem viver e no bem comum é gerada a partir de movimentos e dinâmicas em escala territorial de caráter sistêmico, que produzem ações criativas para a sustentabilidade ambiental e a justiça social. Neste sentido, as noções de Economia Criativa que se desenvolveram na Inglaterra e na Austrália na primeira metade da década de 1990, a partir das criações tecnológicas de

informação e comunicação, de direitos autorais, de artes visuais e de espetáculo, audiovisual, design, etc. (REIS, 2012), não dão conta dos processos presentes na maioria dos territórios contemporâneos, principalmente dos países em desenvolvimento. Estas noções e setores da Economia Criativa reduzem, portanto, a complexidade e abrangência que a criatividade produz nos territórios, provocando a exclusão de práticas criativas, com menor potencial econômico.

Outro argumento de igual relevância neste debate, é que a criatividade está nas pessoas. Isso independe das condições de desenvolvimento econômico e da situação geográfica em que elas se encontram. Se um território é rico ou pobre, se tem grande ou pequena extensão etc., é irrelevante, pois tais fatores não inibem os processos criativos. Entretanto, é sabido também que um território, com um ambiente favorável às experiências coletivas, de livre expressão de ideias e de fomento às descobertas e à subjetividade, contribui ao desenvolvimento das capacidades criativas. Isto quer dizer que as políticas e os arranjos territoriais são também igualmente importantes para a concretização de Territórios Criativos. As políticas e a cultura territorial que estimulam as pessoas, instituições e empresas para a criatividade, contribuem para inovações associadas ao bem viver e ao bem comum.

Associar a criatividade ao bem viver e ao bem comum passa, fundamentalmente, pela discussão de processos criativos rumo à humanização das relações territoriais, criando e recriando formas de transformar os territórios. A humanização passa também pela criação de ambientes que tenham vitalidade, que sejam pulsantes, que sejam estimuladores de experiências coletivas, em espaços e setores privados e, principalmente, públicos. Espaços que favoreçam a livre expressão; que estimulem as trocas de aprendizagens e experimentações; que valorizem a diversidade, a confiança, as conectividades e a identidade local, em âmbito global.

A partir dessas considerações, incluem-se ideias, inovações e setores que não estão contemplados nos setores já reconhecidos como nichos de Economia Criativa, como, por exemplo, a promoção do lazer, da saúde e do bem viver. Neste sentido, o estímulo à criatividade nos territórios, com efeitos redistributivos dos produtos, serviços e modelos organizacionais, na busca da sustentabilidade, do bem viver e do bem comum, são alicerces para a construção dos Territórios Criativos. O lazer e o turismo podem, portanto, contribuir para este outro olhar.

Territórios Criativos de Lazer e Turismo

O lúdico faz parte da condição humana e, na modernidade, está associado ao lazer. Assim sendo, no processo da modernidade, como forma de sanar a necessidade da natureza humana do lúdico, promovem-se práticas e vivências que estimulam a diversão, o prazer e a livre escolha, por meio do que se denomina de lazer. Dentro da concepção moderna, o lazer é a parte do tempo livre que faz oposição ao tempo de trabalho. Isso quer dizer que, no tempo de não trabalho, ou seja, no tempo livre, é possível a realização de várias atividades da vida cotidiana, dentre elas, as atividades de lazer. Assim sendo, o lazer na modernidade assume uma parte do tempo livre, quando as pessoas estão desocupadas das atividades profissionais e sociais. É um tempo para si mesmo, envolvido de grande percepção de livre escolha e de atividades que geram prazer.

Esta divisão do tempo cotidiano entre tempo de trabalho e de não trabalho, ou seja, tempo livre, é consequência da centralidade que o trabalho assume na vida das pessoas e das sociedades modernas. O tempo moderno é estruturado em função da produção econômica industrial: há oito horas destinadas ao trabalho, outras oito de tempo livre e oito horas para o sono. As diferenças bio-psico-socioculturais não são

priorizadas e o mesmo padrão que serve para a produção em massa de produtos nas indústrias, também é generalizado para a organização das práticas socioculturais das pessoas e sociedades. Neste contexto, as atividades de lazer também são padronizadas e massificadas.

A massificação das práticas e vivências de lazer se realiza por meio de práticas corporais (físico-esportivas), artísticas, turísticas e recreativas. As práticas corporais (físico-esportivas) estão relacionadas às atividades que têm os esportes e as experiências com o corpo como o motor para a sua realização; as práticas artísticas estão relacionadas ao teatro, ao cinema, à música, à literatura etc.; as práticas recreativas são experiências prioritariamente sociais, de encontros entre as pessoas e de momentos de festa; ao passo que as práticas turísticas estão associadas às viagens, aos deslocamentos entre territórios distintos.

O turismo é, portanto, uma das manifestações do lazer, e tal como o entendemos na contemporaneidade, é uma construção da modernidade. Esta prática de lazer, como outras práticas da modernidade, foi se massificando ao longo do tempo moderno. Neste sentido, o Turismo de Massa é o modelo dessa massificação, organizado em função de produtos e serviços padronizados, em grande escala, promovido por grandes grupos econômicos, possuindo pouco valor agregado para as questões de sustentabilidade ambiental e sociocultural (BRASILEIRO, 2012, 2015). Principalmente nos territórios de grande potencial ambiental e cultural, mas com grandes fragilidades de infraestrutura e formação turística, a prática do Turismo de Massa, muitas vezes, compromete o desenvolvimento do bem viver e do bem comum nos territórios.

Isto porque nos territórios em que se instala o Turismo de Massa há sérias e rápidas transformações, sem o devido tempo de reestruturação sociocultural dos autóctones. Presencia-se, também, sérios impactos ambientais, além de subempregos

que surgem para os autóctones, estando o ganho real e financeiro da atividade turística, para os grupos de investidores. Muitos simulacros turísticos são criados neste modelo moderno de viagens, falseando as experiências dos turistas e as autenticidades socioculturais e ambientais dos territórios visitados (BRASILEIRO, 2012).

Contudo, para entender o turismo como manifestação do lazer no tempo presente há que considerar as profundas transformações experimentadas pelas sociedades contemporâneas. O modelo de sociedade moderna está em crise, que teve como base a urbanização e a industrialização. Neste sentido, como há nas sociedades contemporâneas a ascensão do trabalho subjetivo e criativo, rompendo com as fronteiras entre tempo de trabalho e de não trabalho, há o favorecimento do lúdico e das práticas que ainda se denominam de lazer. Como analisa Brasileiro (2013), o tempo contemporâneo é um tempo de transição entre o trabalho material/moderno/industrial, que tem o tempo livre/lazer como oposto ao trabalho, e o trabalho imaterial/subjetivo/criativo, que rompe as fronteiras com o tempo livre e o lazer, provocando influências mútuas e multifacetárias, gerando tempos híbridos.

Neste contexto, há também uma hibridação entre os Territórios Criativos e o turismo. O turismo, como nicho de Território Criativo, associa pessoas, instituições, governos e empresas, com ações que atuam de forma sistêmica, na busca do bem viver e do bem comum, principalmente, das pessoas que vivem no território. Os territórios turísticos que estimulam as subjetividades e o criativo, são territórios que têm o lúdico e suas manifestações como elementos básicos para a criação do (des) envolvimento territorial. Assim sendo, os territórios criativos turísticos valorizam as experiências lúdicas como fatores de enraizamento para a sustentabilidade ambiental e sociocultural, a educação, o bem viver e o bem comum. Estes fatores, associados ao usufruto do lúdico que geram novas possibilidades das subjetividades, já não apresentam, com

nitidez, as fronteiras tão bem delineadas entre o trabalho e o lazer, tão características das sociedades modernas. Embora não afetando todas as pessoas, coletivos e profissões da mesma forma, as transformações no mundo do trabalho contemporâneo se tornam cada vez mais hegemônicas, movendo as barreiras existentes entre trabalho, tempo livre e lazer, promovendo tempos híbridos.

Novas relações entre trabalho e lazer são construídas, pois “às formas de produção, distribuição e consumo de conteúdos criativos requerem mudanças de modelos de negócios e formas de trabalhar, incluindo novas habilidades e infraestrutura” (REIS, 2012, p. 47). O lazer e o trabalho se apresentam, portanto, como dimensões criativas que se influenciam mutuamente. Contudo, há de considerar que, mesmo existindo um crescente e atuante grupo de pessoas integradas à lógica do trabalho imaterial, em que trabalho e lazer assumem, cada vez mais, um uno indivisível, uma grande massa de pessoas ainda vive à margem dessa cosmovisão laboral. O trabalho agrícola de subsistência e o trabalho industrial ainda estão presentes em muitos territórios turísticos, principalmente em se tratando dos países em desenvolvimento. Para não fazer referência aos desempregados estruturais, excluídos do trabalho imaterial, seja pela automação ou porque não foram formados profissionalmente para o trabalho subjetivo e criativo.

Nesse contexto, a educação assume um papel preponderante nas transformações territoriais e nas relações entre os incluídos e excluídos nos novos modelos de sociedade e de trabalho. No caso do turismo, “ainda necessita de mudanças no olhar, nos comportamentos, nos valores e práticas dos turistas e autóctones” (BRASILEIRO, 2012, p.89). Isto porque o desenvolvimento das subjetividades e do trabalho imaterial na atividade turística, requer, dos autóctones e turistas, outro entendimento sobre a diversidade, a sustentabilidade, o bem viver e o bem comum. No turismo, o capital

educacional dos autóctones e turistas, bem como a cultura educativa do e no território, são preponderantes para o desenvolvimento territorial, em base ao desenvolvimento humano e sociocultural.

A reorganização da vida territorial sob o auspício do bem viver e do bem comum, e já não do mundo produtivo material, é uma marca essencial para o desenvolvimento turístico e territorial na contemporaneidade. Para tanto, é fundamental uma convergência de ações nas relações econômicas, políticas e socioculturais. Participação social, incentivo aos produtores locais, valorização da arte, cultura e práticas corporais, promoção da saúde, ações de sustentabilidade sociocultural e ambiental são fundamentais para repensar os territórios turísticos. Por outro lado, o acesso à educação e o estímulo às aprendizagens contínuas para os autóctones é fundamental para o êxito do desenvolvimento fundado em subjetividades. A mentalidade de aprendizagem contínua há que ser constante, pois, no mundo do trabalho imaterial, os processos são mais dinâmicos, exigindo novas aprendizagens.

A educação já não está mais restrita à educação formal. Os processos criativos, a comunicação interpessoal, o compartilhamento de bens e serviços, o consumo colaborativo e outros valores associados ao bem viver e ao bem comum, podem ser estimulados em diferentes situações das vivências territoriais. Tais vivências são fundamentais para o cotidiano das pessoas e para a formação profissional do trabalho imaterial. Isto quer dizer que o perfil dos profissionais do trabalho imaterial requer habilidades e competências que não estão restritas às aprendizagens dos modelos modernos de educação.

A educação para o trabalho imaterial exige, assim mesmo, menos rotina e mais significado nas aprendizagens. O modelo de educação contemporâneo exige também o diálogo interdisciplinar, estimulando o aprender a conhecer, aprender a viver com os

outros, aprender a fazer e aprender a ser, por meio de uma visão crítica, autônoma e de liberdade (DELORS *et al.*, 1998). Em palavras de Delors *et al.* (1998, p. 103), “a própria educação está em plena mutação: as possibilidades de aprender oferecidas pela sociedade exterior à escola multiplicam-se, em todos os domínios (...)”. A partir dessa perspectiva, os processos educativos extrapolam a ideia de educação formal. Os processos de aprendizagens – limitados à aquisição de conhecimentos em disciplinas – são substituídos por abordagens que englobam as complexidades das dimensões intelectivas, culturais, emocionais, sociais, biológicas e contextuais das pessoas e dos grupos sociais.

É nessa intersecção da educação, do trabalho imaterial e das vivências lúdicas que se abre uma gama de possibilidades e diversidades de modelos de destinos turísticos. O turismo do “ver” o território, é substituído pelo turismo do “viver” o território, considerando o forte componente de aprendizagens que revestem os processos socioculturais na atividade turística. A educação – no contexto da atividade turística e com estímulos que favoreçam as experiências dos autóctones e dos turistas no território –, pode ser um mecanismo importante para promover o engajamento dessas pessoas com o bem viver e o bem comum, revestindo, de significado pessoal e social, as experiências turísticas. Neste processo, autóctones e turistas compartilham culturas e experiências, de modo que há o favorecimento das subjetividades, da criatividade e do desenvolvimento de Territórios Criativos na atividade turística.

Considerações Finais

Os Territórios Criativos apresentam-se como possibilidades para enfrentar as mudanças oriundas das transformações do trabalho material, vigente na modernidade, para o trabalho imaterial e subjetivo, cada vez mais presente na contemporaneidade. Os

Territórios Criativos podem também ser formas coletivas de trabalhos subjetivos e criativos, sendo necessário para sua produção, distribuição e o consumo, cuidados essenciais associados à sustentabilidade ambiental, à justiça social e à diversidade sociocultural. Por conseguinte, o lúdico pode se apresentar como um dos motores do modelo do trabalho imaterial, tendo, como um dos seus expoentes, a atividade turística. Para tanto, em oposição ao Turismo de Massa, o turismo nos Territórios Criativos tem, como base, a implementação e a concretização de ideias criativas, com modelos e processos de participação social, identidade local, sustentabilidade ambiental e sociocultural e o sentido comunitário das decisões e ações propostas no território.

Os processos identificados como criativos, muitas vezes atendem a demandas de uma economia neoliberal, que aprofundam os problemas do território, em vez de resolvê-los. Práticas e vivências do lúdico associadas ao turismo, muitas vezes estão em função dos grandes investidores internacionais, que estão poucos preocupados com processos criativos sustentáveis e de efeitos redistributivos no território. Neste sentido, o bem viver e o bem comum, associados aos processos subjetivos da atividade turística, podem ser negligenciados, em função de estratégias de crescimento econômico, comprometendo, assim, a perspectiva de comércio justo, justiça social e sustentabilidade ambiental e sociocultural.

Buscar convergências de ações entre diferentes agentes sociais do território turístico, seja público, privado, terceiro setor e/ou sociedade civil organizada, com o adensamento dos micros e pequenos negócios, agregando valores de sustentabilidade e justiça social, além de construir para uma cultura coletiva do bem viver e do bem comum, pode ser um horizonte para o desenvolvimento territorial lastreado em Territórios Criativos. Para tanto, a educação cobra um papel de relevância, não só a educação formal como, também, a educação informal, imprimindo visões críticas e

ações reflexivas sobre outros modelos de viver e de se fazer turismo, por meio de experiências lúdicas.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões: Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. In: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões; MEDINA, Julio César Cabrera; CORIOLANO, Luzia Neide: **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. O Lazer e as Transformações Socioculturais Contemporâneas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais** Vol. 1, n. 2, 2013.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões: O trabalho imaterial na construção do desenvolvimento e das novas territorialidades. In: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões e MEDINA, Julio César Cabrera. **Desenvolvimento territorial, Cultura e Turismo: uma abordagem multidisciplinar**. Campina Grande; EDUEPB, 2015.

CAMARGO, Silvio: Considerações sobre o conceito de trabalho imaterial. **Pensamento Plural**. Pelotas [09]. Julho/dezembro 2011.

DE MASI, Domenico: **A sociedade Pós-industrial**. São Paulo: Editora SESC. 2003.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação, um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO/ MEC- Cortez Editora, São Paulo, 1998.

FLORIDA, Richard: **A ascensão da Classe Criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GORZ, André: **L'Inmatériel**: Connaissance, valeur et capita. Paris: Galilée, 2003.

HARVEY, David: **El enigma del capital**: y las crisis del capitalismo. Madrid: AKAL, 2012.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 6, pp. 79-90, 2003.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas**. São Paulo: SESI-SP, 2012.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de territórios**. São Paulo: UNESP, 2010.

SCHWAB, Klaus: **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SLEE, Tom: **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

Endereço da Autora:

Maria Dilma Simões Brasileiro
Endereço Eletrônico: dsbrasileiro@gmail.com